
A Importância da Conscientização na Luta Contra a Dengue

*Madureira, M.L.¹; Oliveira, B.C.E.P.D.¹; Oliveira Filho, A. M.²
Liberto, M.I.M.¹; Cabral, M. C.¹*

Introdução

A dengue é uma virose que, quando sintomática, caracteriza-se por um quadro febril agudo que pode evoluir para quadros mais graves como a síndrome de choque da dengue e/ou a febre hemorrágica. Os vírus da dengue são transmitidos aos seres humanos pela picada da fêmea do mosquito *Aedes aegypti* infectada.

O combate ao vetor *Aedes aegypti*, no Brasil, foi institucionalizado de forma sistematizada a partir do século XIX, quando diversas epidemias de febre amarela urbana ocorriam no país, levando à morte milhares de pessoas. Tradicionalmente, o combate ao *Aedes aegypti* foi desenvolvido seguindo as diretrizes da erradicação vertical, onde a participação comunitária não era considerada como atividade essencial. No entanto, atualmente, verificou-se a necessidade de uma ação continuada da população como fator fundamental e imprescindível, na erradicação desse vetor. O estímulo a essa participação necessita ser permanente, pois se essa estratégia for posta em prática, com a conscientização adequada e continuada da sociedade, os resultados serão alcançados a médio e longo prazos, evitando-se a ocorrência de novas epidemias.

Por sua estreita associação com o homem, o *Aedes aegypti* é um mosquito com habitat, essencialmente, urbano, encontrado em maior abundância em cidades, vilas e povoados. Os mosquitos se desenvolvem através de metamorfose completa, e o ciclo de vida do *Aedes aegypti* compreende quatro fases: ovo, larva (quatro estágios larvários), pupa e adulto.

1. Instituto de Microbiologia Prof. Paulo de Góes – IMPPG – UFRJ.

2. Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho – IBCCF – UFRJ)

madureira@micro.ufrj.br / barbara@micro.ufrj.br / isabel@micro.ufrj.br / maulori@micro.ufrj.br

No Brasil, há referências de epidemias por dengue desde 1923, em Niterói/RJ, sem confirmação laboratorial. A primeira epidemia com confirmação laboratorial foi em 1982, em Boa Vista (RR), sendo associada a vírus dos sorotipos 1 e 4. A partir de 1986, em vários estados da Federação, epidemias de dengue clássico têm ocorrido, associadas a vírus dos sorotipos 1 e 2. No verão de 2002, a população do Estado do Rio de Janeiro vivenciou a quarta onda epidêmica de dengue, que foi relacionada aos vírus do sorotipo 3.

Objetivos

Este trabalho tem por objetivos:

- ✓ Demonstrar que a Dengue é uma virose resultante do comportamento das sociedades urbanas e é independente da classe social à qual o indivíduo pertença;
- ✓ Conscientizar a população sobre o papel essencial que lhe cabe no combate aos criadouros do mosquito *Aedes aegypti*;
- ✓ Demonstrar atitudes concretas e cotidianas para tornar possível a erradicação desse vetor, explicando como estas atitudes interferem no ciclo de vida do mosquito;
- ✓ Promover um combate intensivo aos criadouros do mosquito em nossa universidade, através de trabalhos de campo ocorridos durante o treinamento de funcionários da UFRJ;
- ✓ Capacitar agentes multiplicadores para atuar no programa de combate à Dengue em suas diversas comunidades.

Metodologia

A metodologia adotada envolveu a distribuição de panfletos, realização de palestras, entrevistas na mídia e demonstrações práticas para identificação do mosquito *Aedes aegypti*, durante a fase larvar e adulta. No entanto, essas atividades, apesar de concomitantes, foram direcionadas para dois grupos distintos: comunidade acadêmica e funcionários dos *campi* da UFRJ. As atividades direcionadas ao grupo de funcionários contaram com a realização de um ciclo de palestras sobre aspectos gerais da dengue, ciclo de vida do mosquito *Aedes aegypti*, além da distribuição dos panfletos e das atividades práticas (trabalhos de campo) para identificação das fases larvar e adulta do mosquito e dos potenciais criadouros.

Visando atingir o maior número possível de pessoas, as atividades direcionadas à comunidade acadêmica foram realizadas de forma itinerante pelos diferentes *campi* da universidade. Considerou-se como comunidade acadêmica todos aqueles indivíduos que circulavam pelos *campi* universitários. Foram montados, em áreas universitárias da Ilha do Fundão, da Praia Vermelha e do Largo de São Francisco, estandes de demonstração e divulgação. Nesses locais foram apresentadas demonstrações práticas para identificação das fases adulta e larvar do mosquito, assim como informações simples e diretas que facilitam a identificação de criadouros. Além disso, foram dados esclarecimentos a dúvidas relacionadas à doença e aos mecanismos de transmissão. Durante essas atividades as pessoas eram apresentadas ao “kit dengue”, constituído de uma mangueira cristal de 8 mm x 1 m, uma lanterna e um frasco de boca larga, utilizado na identificação das larvas encontradas em potenciais criadouros.

Resultados

Uma comissão criada, para estabelecer as estratégias de atuação do programa UFRJ no combate a Dengue, elaborou panfletos explicativos com todos os procedimentos a serem seguidos para um combate eficiente ao mosquito vetor da Dengue. Essa comissão instituiu o serviço telefônico de atendimento ao público denominado “Dengue nunca mais”, sob o número (21) 2562-6698. Esse serviço telefônico presta-se ao esclarecimento de dúvidas da população bem como a atender pedidos de treinamento de pessoal e palestras, que podem ser ministradas em colégios ou empresas.

Cerca de dois mil panfletos foram distribuídos durante as atividades de divulgação e demonstração, junto à comunidade acadêmica. O efeito multiplicador desse trabalho somente poderá ser observado a médio e longo prazo, diferentemente do que foi possível observar junto ao grupo de funcionários que participaram do treinamento.

Cerca de 250 funcionários da UFRJ foram treinados e, por iniciativa própria, constituíram uma força tarefa de combate à dengue, iniciando exaustivas buscas por potenciais criadouros, tanto em seus locais de trabalho e comunidades circunvizinhas, como em suas próprias residências. Além dessas buscas, as populações nessas áreas eram orientadas para a manutenção de uma vigilância constante, de forma a reduzir a expansão da dengue ou mesmo evitar o aparecimento de novas epidemias.

Como resultado desse treinamento, em curto prazo, os funcionários treinados foram capazes de localizar criadouros em baldes de coleta de água do ar-condicionado, caixas d'água descobertas mantidas na sombra e vasos de plantas, no *campus* da Ilha do Fundão.

Conclusão

Os resultados obtidos, com as atividades desenvolvidas, no combate à dengue, indicam que através da divulgação de conhecimentos acadêmicos de forma desmitificada e da utilização de estratégias criativas, é possível motivar as pessoas a agirem em benefício próprio e da comunidade em que vivem, como agentes ativos e multiplicadores do conhecimento recebido, ao invés de aguardarem, passivamente, a ação das agências oficiais de políticas públicas de saúde. ◆

Referências

- Dengue instruções para pessoal de combate ao vetor : manual de normas técnicas. - 3. ed., rev. - Brasília : Ministério da Saúde : Fundação Nacional de Saúde, 2001. 84 p. : il. 30 cm.
- Informe epidemiológico do SUS – Dengue – notas prévias e resumos de pesquisas - Centro nacional de epidemiologia, coord – Brasília: Ministério da Saúde: Fundação Nacional de Saúde, 2001. V. 10; suplemento 1.